



## ENCONTROS MODERNOS, FERIDAS ANTIGAS

## MODERN ENCOUNTERS, ANCIENT WOUNDS

**Alfredo Bronzato da Costa Cruz\***

**Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ**

[bccruz.alfredo@gmail.com](mailto:bccruz.alfredo@gmail.com)

Talvez o mais encarniçado e influente conflito do cristianismo antigo tenha sido o que aconteceu entre as Igrejas de Alexandria e de Antioquia nos séculos IV e V. Não só apenas um embate de vida e morte entre duas importantes sedes apostólicas pela preeminência da autoridade religiosa no Mediterrâneo Oriental, tratava-se também de um combate pela definição de quem era Jesus Cristo, com os antioquenos enfatizando sua humanidade e os alexandrinos ressaltando sua divindade. Nas décadas de 430 e 440, Alexandria parecia ter saído vitoriosa desse combate; Nestório, expoente da escola teológica antioquena, havia sido condenado como herético e deposto de seu ofício como patriarca de Constantinopla pelo concílio celebrado em Éfeso em 431, arrastando consigo para a desonra e o exílio boa parte de seus aliados; a formulação de Cirilo de Alexandria, seu arqui-inimigo, referente à união hipostática das Naturezas divina e humana na Única Pessoa do Verbo encarnado havia sido considerada a fé ortodoxa no Império Romano Cristão. Em 451, contudo, um novo concílio, celebrado em Calcedônia, declarou heréticos os desdobramentos da cristologia alexandrina e proclamou como ortodoxa a crença de que em Jesus Cristo subsistem sempre as Naturezas humana e divina, sem confusão e sem separação. Essa decisão abriu uma

---

\* Doutorando em História Política (PPGH/UERJ). Mestre em História Social (PPGH/UNIRIO, 2011-2013). Bacharel e Licenciado em História (PUC-Rio, 2005-2009). Bolsista CAPES (2015-2019) e FAPERJ/Nota 10 (2017-2019). Membro do Núcleo de Estudos de Cristianismos no Oriente (NECO, GT-HR/ANPUH-Rio) e do Núcleo de Pesquisa Histórica do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (NPH/IPN). Desenvolve o projeto de pesquisa *Interações cristão-muçulmanas na História do Patriarcado Copta de Alexandria (639-1102)*, sob a orientação do Prof. Dr. Edgard Leite Ferreira Neto.

fratura no seio do Mediterrâneo cristão: enquanto bizantinos e latinos tomaram como sua a cristologia calcedônica – que viria a ser a base da fé comum dos ortodoxos gregos e eslavos, dos católicos romanos e da maior parte dos protestantes –, a antiga e poderosa Igreja do Egito obstinou-se na afirmação do miafisismo, ou seja, na crença de que na Pessoa de Jesus Cristo há uma única Natureza, formada da união entre humanidade e divindade. Em função das redes de clientelismo eclesiástico da Sé de Alexandria na Antiguidade Tardia e no Medievo, a cristologia miafisita tornou-se a ortodoxia nas Igrejas da Núbia e da Etiópia. O surgimento do Islã, a um só tempo crença e império, por sua vez, transformou decisivamente o cenário das interações religiosas no entorno mediterrânico, possibilitando, no longo prazo, que as comunidades que haviam aderido a Calcedônia se expandissem mais do que as não-calcedônicas. Condenando-se mutuamente como heréticos, calcedônicos e miafisitas tenderam a ter contatos no máximo irregulares durante toda a Idade Média. Pouco mais de um milênio depois do Concílio que selou sua divisão, entretanto, haveriam de se encontrar, não mais às margens do Mediterrâneo, mas do Mar Vermelho, muitos quilômetros para o sul.

Muitos foram os motivos que levaram os portugueses dos séculos XV e XVI, um dos povos vinculados à Igreja de Roma, uma das herdeiras de Calcedônia, a se lançarem ao mar. Um dos menos lembrados cá entre nós – decerto por não dizer diretamente respeito ao desenvolvimento do caso luso-brasileiro – foi o desejo de fazer contato com correligionários cristãos que se sabia estarem para além da *Dar al-Islam*. No outono de 1441, uma delegação de religiosos etíopes, vinda de um mosteiro em Jerusalém, chegou ao Concílio de Florença para negociar sua possível união com o papado. Nesta visita, ficou claro que, além de uma grande diversidade de costumes que haviam se interposto entre uma compreensão comum da vida cristã, havia também o fato de que o milenar problema cristológico ainda não estava em condições de ser superado. Pouco mais de cem anos depois, tendo contornado o continente africano, uma companhia de soldados lusitanos teve uma grande importância no combate dos cristãos autóctones contra as forças de Ahmad Grãñ ibn Ibrahim, líder muçulmano cuja investida fez soçobrar o império etíope. A imensa maioria desses expedicionários não retornou à Europa, nem seguiu até às Índias Portuguesas, mas permaneceu na Abissínia, dando origem a uma experiência de miscigenação com os locais. Em 1557, os primeiros jesuítas chegaram à região, inicialmente para atender aos descendentes desses soldados e aos comerciantes e diplomatas portugueses que estão começavam a acorrer em maior

número aos portos do Mar Vermelho. Usando de refinadas habilidades diplomáticas, de uma apologética fortemente intelectualizada e, a princípio, da tática da adaptação aos costumes locais, os padres da Companhia de Jesus fizeram avanços na missão junto aos nativos, obtendo aliados, simpatizantes e conversos principalmente entre a aristocracia. Em 1622, parecia estar se assistindo à uma nova virada constantino-teodosiana quando o *nəguš* Susənyos rejeitou todas as suas concubinas em favor de sua primeira esposa e anunciou sua conversão ao catolicismo romano, que foi então alçado à condição de religião oficial de seus domínios. A pregação da cristologia calcedônica chegou então ao seu clímax na Abissínia, o que pode ser verificado pela ampla difusão que então tiveram imagens que enfatizavam a humanidade de Jesus, até então menos valorizadas (ou mesmo menosprezadas) pela arte cristã local: a Natividade, cenas da infância, o batismo por João Batista, o *Ecce Homo*, a *Veronica*, a Crucificação, a *Pietà*, o Cristo no sepulcro – todas devidamente acompanhadas pelo *IHS*, o famoso acrônimo, de origem franciscana, que foi adotado como logomarca da Companhia de Jesus. De fato, o aspecto humano e passível de real sofrimento do Filho de Deus foi a nota característica da pregação jesuíta na Etiópia, contrastando com o discurso empregado, por exemplo, na China, onde os padres procuraram forjar uma aproximação entre a religiosidade autóctone e o catolicismo através da ênfase no Deus cristão como sendo idêntico ao filosófico e inamovível *Tiānzhǔ*, o *Senhor do Céu*. Tal ênfase, que talvez nos pareça banal à primeira vista – justamente por sermos ainda tributários de uma longa tradição teológica que a reconhece como perfeitamente plausível –, colocou em polvorosa a imaginação dos cristãos abissínicos, que nos mil anos anteriores à presença europeia em suas terras haviam enfatizado sistematicamente a condição divina da Natureza mista do Verbo encarnado. Ora, enquanto virtualmente toda a teologia europeia pós-Calcedônica enfatizava que Deus podia ser conhecido, amado e imitado através de Jesus Cristo *em duas* Naturezas, a teologia etíope havia constituído como sua pedra-angular justamente a inacessibilidade última da divindade, capaz de ser experimentada, mas não compreendida através do Filho de Deus feito um *de duas* Naturezas. A conversão de Susənyos, portanto, marcou uma descontinuidade profunda no âmbito do cristianismo local.

Dez anos depois dessa, contudo, este *nəguš* se afastou do trono em favor de seu filho Fāsīladas, e o primeiro ato deste como soberano foi restaurar o estatuto oficial da Igreja Ortodoxa Etíope, solicitando um novo arcebispo metropolitano da parte do

Patriarcado de Alexandria, confiscando os bens dos jesuítas e fazendo expulsar os missionários europeus para Goa. Quando alguns anos mais tarde alguns padres franciscanos chegaram à Etiópia da parte do bispo de Roma, foram prontamente capturados e executados pelos homens do monarca cristão que então governava a região. A missão na África Oriental, que interessou pessoalmente a Inácio de Loyola e mobilizou um grande número de recursos intelectuais, materiais e humanos – incluindo quatro prelados, três dos quais foram alguns dos primeiros jesuítas a receberem a ordenação episcopal –, foi um dos mais espetaculares fracassos da história da Companhia de Jesus.

Praticamente desde o seu término, analistas de diversos tipos têm tentado descrever com precisão o que, afinal, conduziu a um resultado assim pífio. Dois elementos têm sido sistematicamente enfatizados nesse esforço: a falta de tato e a intransigência da segunda geração de padres jesuítas que chegou à Etiópia, mais ansiosos por submeter e latinizar as estruturas eclesiais autóctones do que por propriamente cooptá-los à sua proposta religiosa; e o insucesso dos portugueses em, depois da derrota de Ahmad Grãñ, serem aliados realmente úteis dos cristãos etíopes em suas intermináveis escaramuças contra seus vizinhos muçulmanos e animistas. Tratam-se de coisas de inegável importância, mas até agora não se havia dado atenção apropriada ao quanto a memória comum da divisão entre calcedônicos e miafisitas na Antiguidade Tardia havia exercido um papel importante nesse drama do início da Modernidade. Enquanto os aristocratas etíopes foram receptivos a uma latinização que lhes parecia significar uma modernização que era uma reiteração de seu poder e a segurança de uma aliança com os poderes europeus, suas esposas, mães e filhas, os camponeses, os padres das aldeias, os numerosos monges e os respeitadas eremitas recordavam-se do que se lhes havia sido dito que o Papa Dióscoro de Alexandria, seus sucessores e aliados haviam sofrido nas mãos dos calcedônicos. Assim sendo, dispuseram-se a resistir com unhas e dentes ao avanço religioso dos *färäng*, *francos*, em suas terras tradicionais, naquela porção de mundo que consideravam uma ilha do verdadeiro cristianismo ortodoxo diante das hordas de gentios, muçulmanos e hereges que dividiam o mundo circundante. **Envoys of a Human God**<sup>1</sup> recupera o papel desta

---

<sup>1</sup> D'ALÒS-MONER, Andreu Martínez. **Envoys a Human God**: the jesuit mission to christian Ethiopia (1557-1632). Leiden: Brill, 2015. Coleção “European history and culture”, seção “Jesuit studies: modernity through the prism of jesuit history”, n. 2. 455 p., il. ISBN: 978-90-04-289154 (e-book).

memória, atentando-se para como a distinção cristológica pós-Calcedônia, seus desdobramentos e o ressentimento dela oriunda, correram como um rio subterrâneo sob a trama do encontro entre europeus e etíopes nos séculos XV e XVI; quando chegou o momento da ruptura, sua infiltração fez com que o solo se abrisse sob os pés dos missionários jesuítas, que já tinham como vencida a batalha pelas almas dos abissínios cristãos. Fazendo isso, o livro redimensiona a história moderna e dá voz aos nativos, que não apenas sofreram a missionação europeia, mas responderam a ela em contundentes termos que eram não outros do que *os seus*.

O trabalho em questão efetivamente oferece uma nova luz sobre essa missão ao explicar de modo cuidadoso, porém claro e sintético, as complexidades e dificuldades dessa frente de expansão do catolicismo romano, incluindo as intrincadas interações culturais, políticas e religiosas ocorridas entre os padres europeus e os abissínios. O autor do volume, Andreu Martínez d'Alòs-Moner, doutorou-se em História pelo Instituto Europeu em Florença e hoje é professor associado da Universidade de Gondar, na Etiópia. Ele trabalhou como pesquisador assistente na Universidade de Hamburgo, um dos principais centros de estudos etíopes na Europa, colaborando no projeto da *Encyclopaedia Aethiopica*, e tem publicado numerosos artigos científicos e capítulos de livros sobre os encontros e desencontros entre europeus, africanos e asiáticos no início da Modernidade. Sua obra em curso encontra-se associada ao de outros importantes etiopianistas franceses e italianos, ao passo que ele é um leitor dos estudiosos lusófonos, de modo que d'Alòs-Moner se encontra em um ponto privilegiado desse campo de estudo, capaz de dialogar com as diferentes tradições intelectuais que atualmente compõem o horizonte do estudo da presença europeia na África Oriental a partir dos séculos XV e XVI.

Na introdução de **Envoys of a Human God**, d'Alòs-Moner sustenta que só um estudo mais abrangente do que o até então realizado sobre a missão jesuíta na Etiópia é capaz de oferecer uma adequada chave para o entendimento de seu fracasso. Daí a sua proposta de abordagem multidisciplinar, reunindo conhecimentos que vão da arqueologia à crítica literária, da cartografia à história dos dogmas. Partindo disso, o livro encontra-se dividido, de acordo com a cronologia da missão, em três partes. Na primeira parte, somos apresentados aos antecedentes e contextos da entrada dos jesuítas no império etíope na segunda metade do século XVI, através da reconstituição das prévias interações entre europeus e abissínios na Idade Média, incluindo suas dimensões

imaginárias, a saber, o desenvolvimento do mito do Preste João e a localização de seu reino no continente africano, da história das primeiras relações luso-etíopes e do estabelecimento do domínio colonial português no sul da Índia, importante ponta de lança para o lançamento de empreendimentos missionários no Extremo Oriente e na África do Leste. A segunda parte faz uma dissecação cuidadosa da missão propriamente dita, em sua organização, demografia, finanças, inserção regional e interações sociais, em seus fundamentos teológicos e estratégias de abordagem e conversão dos nativos e em seus subprodutos culturais. A terceira parte, por fim, examina o período de clímax e colapso da missão nas décadas de 1620 e 1630, assim como seus legados tanto no império etíope quanto no português. Seguem-se a isso cinco apêndices muito bem documentados sobre os líderes políticos na região do Mar Vermelho, Índia e Europa entre 1600 e 1635, sobre os governantes nacionais e provinciais na Etiópia de 1603 a 1636, sobre os missionários europeus presentes na África Oriental e sua produção intelectual de 1555 a 1632, e sobre os complexos vínculos de parentesco da casa real salomônica de 1550 a 1640. O volume inclui esquemas e tabelas que nos ajudam a compreender temas difíceis, como o número de auxiliares nativos da missão católica na Etiópia entre 1549 e 1632 e os custos da presença dos jesuítas na região entre 1610 e 1630, além de mapas, que conferem dimensão mais palpável à rede missionária da Companhia de Jesus no entorno do Oceano Índico, e um glossário bilíngue bastante útil. O livro combina diferentes tipos de abordagem historiográfica – histórico-cultural, política, sociológica, demográfica, artística, arqueológica – e, entre os seus muitos méritos, além do já destacado, pode-se chamar a atenção principalmente para mais três. Em primeiro lugar, d’Alós-Moner consegue demonstrar como a expansão colonial lusitana foi um contexto fundamental para o estabelecimento da missão etíope da Companhia de Jesus sem reduzir o trabalho dos padres a uma simples cobertura ideológica do empreendimento de conquista e exploração europeia. Neste sentido, chama atenção a sua leitura sensível a respeito de como os limites e possibilidades dos jesuítas na Índia (principalmente na corte mogol, no norte do subcontinente) tiveram um impacto profundo na forma como os missionários fizeram-se presente na Etiópia e pensaram esta experiência; efetivamente, o autor conseguiu enquadrar com êxito a missão na África Oriental no contexto global da atuação da Companhia, mas sem cair na tentação de reduzi-la a uma simples variação de uma norma geral, e sem desconsiderar os desafios específicos encontrados na paisagem sociocultural da



Abissínia cristã. Em segundo lugar, enquanto uma historiografia anterior concentrou-se de modo costumeiro nas personalidades dos jesuítas e, muito mais raramente, de seus aliados, simpatizantes e conversos na alta aristocracia etíope, o livro em questão, sem abrir mão das reconstituições prosopográficas, traz à primeiro plano questões de estrutura e contingência do empreendimento missionário, comparando o que aconteceu na Etiópia a outros sucessos e fracassos similares da Companhia de Jesus no mesmo período (em diferentes regiões da Índia, na China, no Japão, em partes da América Ibérica) e, talvez o mais importante, procurando restituir aos diferentes interlocutores nativos dos europeus sua agência nesse processo. Dessa forma, se houve uma contraposição tradicional entre o sucesso da tática de acomodação de Pedro Páez, cabeça da missão na Etiópia de 1603 a 1619, e o fracasso da liderança intransigente exercida por Afonso Mendes, que chefiou os esforços dos missionários de 1625 a 1632, d'Alós-Moner fornece elementos para que pensemos o sucesso ou insucesso da missão não apenas em termos de competência ou não dos padres europeus, mas de respostas diferenciais dos etíopes, em função de suas próprias trajetórias, interesses e arcabouços culturais, às suas interpelações. Nessa perspectiva, de acordo com o autor, o relativo sucesso de Páez teria resultado antes de sua atuação mais *tímida*, tida como aceitável pela maior parte dos etíopes então atingidos por sua pregação, ao passo que o entrincheiramento dos padres na corte e no restante do país como uma resposta ao que eles consideravam costumes e crenças desviantes do cristianismo autóctone, empreendido por Antonio Fernandes, líder da missão de 1619 a 1625, e por Mendes, seu sucessor, que procuraram ativamente o apoio de aristocratas pró-europeia como forma de impor de cima para baixo políticas de latinização e conversão dos membros da Igreja Etíope, levou a uma ampla e poliforme resistência ao catolicismo romano, o que acabou por conduzir ao colapso dessa experiência missionária. Em terceiro lugar, enquanto o vasto conjunto de fontes jesuíticas devidamente publicadas, comentadas e instrumentalizadas em idiomas facilmente acessíveis ao público euro-americano induziu a imensa maioria dos estudiosos da missão a não olhar muito além delas, o autor de **Envoys of a Human God** realizou pesquisas em arquivos em Portugal, Itália e Espanha, bem como um extenso trabalho de campo na Etiópia, também arqueológico e etnográfico, de modo que tornou seu texto muito menos tributário da *historiografia jesuítica* do que é comum neste tipo de estudo. Trata-se de um feito notável, ainda mais cá entre nós, onde há o costume reiterado de se querer inferir elementos sobre a reação

dos autóctones à missionação jesuíta quase que só apenas a partir dos documentos produzidos, preservados e difundidos pela própria Companhia. Claro que isso é em larga medida possível porque d'Alòs-Moner é professor e pesquisador na Universidade de Gondar, um dos lugares da Etiópia onde é mais evidente a presença dos jesuítas no antigo império cristão, além de conhecedor do etíope clássico (ge'ez) e moderno (amárico); tenho dificuldade em imaginar uma pesquisa de profundidade análoga, digamos, sobre a missão jesuíta no Vietnã, realizada por um pesquisador euro-americano que não conhecesse os idiomas locais, nem tivesse consultado os documentos escritos, artísticos e arqueológicos eventualmente preservados na região. Por outro lado, a fusão constitutiva de micro e macro-observação de **Envoys of a Human God** faz com que o livro ofereça uma imagem da presença europeia na Etiópia que é mais sofisticada do que a constante nos estudos anteriores sobre o tema, inclusive e principalmente os redigidos por etíopes, demasiado preocupados em enfatizar a especificidade do caso abissíneo no interior da atuação global da Companhia de Jesus.

Os problemas do volume não são muitos, mas existem, como é esperado em uma obra de tal fôlego. O livro é em muitos aspectos uma clara continuação dos trabalhos de Hervé Pennec<sup>2</sup> e Leonardo Cohen<sup>3</sup>, e torna-se muito mais proveitoso se lido em conjunto com estes textos anteriores. Sua narrativa é eventualmente interrompida e truncada por análises que, por demasiado esquemáticas, estão um tanto quanto mal localizadas no interior do texto; talvez isso seja uma sobrevivência da primeira edição do trabalho, apresentado pela primeira vez como tese de doutorado em 2009. Algumas escolhas relativas à organização do escrito são um pouco incômodas, como a disposição do grande volume de informações da segunda parte do livro em apenas três capítulos – um desejo de simetria que redundou em coisas estranhas, como o fato de a seção sobre as interações culturais da missão terminar em um apêndice pouco relacionado sobre as suas finanças. E tudo isso é ainda mais incômodo em função do alto preço do volume – mais de duzentos dólares mesmo em versão online –, o que sugeria um trabalho de editoração e copidesque muito mais bem realizado. Apesar desses problemas e, principalmente, de ser um tanto quanto financeiramente proibitivo à

---

<sup>2</sup> PENNEC, Hervé. **Des jésuites au royaume du Prêtre Jean (Éthiopie): stratégies, rencontres et tentativas d'implantation (1495-1633)**. Lisboa e Paris: Fundação Calouste Gulbekian, 2003.

<sup>3</sup> COHEN, Leonardo. **The missionary strategies of the Jesuits in Ethiopia (1555-1632)**. Wiesbaden: Harrasowitz, 2009. Coleção Äthiopistische Forschungen, n. 70.



imensa maioria dos pós-graduandos, a não ser aos *realmente* empenhados no estudo dos temas abordados, **Envoys of a Human God** é um volume que merece ser lido, ainda que apenas em partes, por todos os interessados na história da África Oriental, da presença europeia no continente africano e da Companhia de Jesus.

Em nossos dias, há no mundo lusófono um verdadeiro batalhão de pesquisadores seriamente comprometidos com o estudo da atuação dos jesuítas no interior e para além das fronteiras do ecúmeno português dos séculos XVI a XVIII; tenho mesmo a impressão de que existem hoje mais acadêmicos falantes do português a pesquisar a presença jesuíta do Canadá às Filipinas, do Peru ao Japão, do que houveram membros da Companhia de Jesus em *qualquer* época de sua história. Por causa disso, talvez pareça leviano recomendar um custoso volume escrito em inglês sobre o tema, como se isso uma significasse uma não valorização do que já produzimos. Pois bem, penso muito o contrário: o contato com este livro de d'Alòs-Moner pode ser um excelente meio dos pesquisadores lusófonos da atuação mundial da Companhia de Jesus no começo da Modernidade escaparem de seus caminhos costumeiros de investigação e do vício da auto referência, abrindo-se, se não tanto a novas questões em sentido próprio, ao estudo de novos documentos e ao uso de novas perspectivas de análise. Trata-se, de fato, de repensar, em um escopo muito mais largo do que tem sido feito até agora, a problemática interação entre poderosas forças globais de unificação e homogeneização, os homens que as personificam, as especificidades de cada parte que se quer incorporar ao todo e a atuação viva, negociando e resistindo, dos agentes sociais nativos. Realmente consigo pensar poucas questões históricas de uma relevância mais evidente e imediata do que essa categoria de problemas, e **Envoys of a Human God** contribui de fato no sentido de arejá-las e abrasá-las.

De um ponto de vista mais concreto, devido ao competente enquadramento que d'Alòs-Moner faz da missão na Etiópia em suas interações com o cristianismo autóctone, com a expansão colonial lusitana na Ásia e no restante da África e com o empreendimento missionário católico em vias de globalização no início da Modernidade, o livro decerto pode prender a atenção também dos interessados na história do cristianismo em um sentido mais lato e dos especialistas em assuntos referentes ao Oceano Índico. Por fim, devido ao seu caráter enciclopédico, sua bibliografia extensa e suas considerações eruditas sobre os assuntos cortesãos e familiares da dinastia salomônica, sobre a demografia e as finanças da presença

portuguesa na Abissínia, e sobre a produção intelectual dos jesuítas derivada da missão nessa região, o trabalho tende a se tornar uma obra de referência importante para os estudiosos de outros campos que de alguma forma, ainda que tangencial ou mesmo remota, se conectem a ele. **Envoys of a Human God** é a primeira reconstituição realmente compreensível e de fôlego disponível em inglês da presença jesuíta na Etiópia dos séculos XVI e XVII, alicerçada em uma documentação distinta da que normalmente é mobilizada pelos trabalhos lusófonos que se dedicam ao mesmo tema; como tal, tem tudo para ser recebido como um marco nas análises sobre os princípios da aventura missionária europeia na África subsaariana. Vale a pena que os nossos especialistas observem não apenas *o que ele realiza*, mas *como o realiza*; isso talvez seja um incentivo para que áreas tradicionais de pesquisas históricas no mundo de língua portuguesa continuem a avançar com renovada vitalidade.

**RECEBIDO EM: 04/12/2017**

**PARECER DADO EM: 19/02/2018**



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)